FOUNDATION FOR A
SMOKE-FREE WORLD

SÉRIE DE RELATÓRIOS DA FUNDAÇÃO

AGRICULTURA E MEIOS DE SUBSISTÊNCIA

Global Trends in Tobacco Production and Trade

Autores: Romita Shah, Dianna Bartone, Richard Ferguson

Agradecimentos

Os autores querem agradecer ao Dr. John Struthers, Professor e Diretor do Centro de Investigação Africana sobre Desenvolvimento Empresarial e Económico (Center of African Research on Enterprise and Economic Development, CAREED) na Faculdade de Gestão de Empresas (School of Business and Enterprise) da Universidade do Oeste da Escócia (University of the West of Scotland) e consultor da equipa de Agricultura e Meios de Subsistência da Foundation for a Smoke-Free World, e ao Dr. Michael Johnson, Diretor de Investigação e Ciência da Fundação, por rever o relatório. O trabalho não teria sido possível sem o incentivo do Dr. Derek Yach, o Presidente da Fundação, e do Sr. Jim Lutzweiler, Vice-Presidente para a Agricultura e Meios de Subsistência na Fundação.

Sinopse

Ao longo das últimas duas décadas, os padrões globais na produção e comércio de tabaco sofreram profundas alterações. Embora investigações realizadas por grupos de controlo do tabaco e organizações de saúde pública se tenham concentrado na produção, esclarecendo várias tendências importantes que impulsionam estas alterações, sabe-se consideravelmente menos sobre os padrões do comércio de tabaco. A compreensão da economia global do tabaco – e dos seus principais intervenientes – depende do desenvolvimento de um conhecimento mais completo sobre todas as etapas da cadeia de fornecimento de tabaco, do comércio de folha de tabaco não manufaturada, do processamento de folha de tabaco em vários produtos do tabaco, e do comércio e consumo de produtos de tabaco manufaturados. À semelhança do que sucede com muitas outras matérias-primas, o tabaco tem a sua própria cadeia de fornecimento única e em evolução. Este relatório centra atenções na compreensão de padrões na produção e comércio de folha de tabaco não manufaturada.

O relatório começa por identificar tendências importantes na produção de tabaco durante as últimas duas décadas. É evidente que a produção de tabaco passou de países de rendimento elevado na Europa e na América do Norte para países de baixo e médio rendimento na África, Ásia e América Latina. Ainda assim, alguns países – incluindo a China, o Brasil, a Índia e os Estados Unidos – continuaram a ser os principais produtores a nível mundial no período investigado. No entanto, com o passar do tempo, a produção nos Estados Unidos diminuiu significativamente, deixando o domínio da produção de tabaco a nível mundial nas mãos das três grandes economias emergentes – a China, o Brasil e a Índia. Coletivamente, estes três países produzem atualmente quase dois terços do fornecimento de folha de tabaco a nível mundial.

O relatório fornece depois uma visão geral das tendências concomitantes no comércio mundial de tabaco. Ao fazê-lo, tornam-se evidentes várias tendências importantes:

- As alterações regionais na produção de tabaco a nível mundial refletem-se, pelo menos parcialmente, na mudança dos padrões do comércio mundial de tabaco.
- Três grandes economias, que são também as três principais intervenientes em termos de produção a nível mundial – a China, o Brasil e a Índia – desempenham um papel de relevo e específico no fornecimento mundial de tabaco. Comparativamente ao Brasil, o grosso da produção na China e na Índia destina-se aos seus próprios mercados domésticos (uma grande base de consumidores a nível global). Os dois países conseguiram captar elos adicionais da cadeia de valor do tabaco para além da produção, passando para a transformação. Outros países produtores de tabaco, de baixo e médio rendimento, parecem ansiosos por seguir o exemplo.

- Uma análise mais detalhada das importações e exportações de tabaco, país a país, sugere, por exemplo, que a China é um importador cada vez mais significativo, talvez indicando que o comércio entre países de baixo e médio rendimento (por exemplo, do Brasil para a China) está a crescer.
- Regra geral, os principais importadores de tabaco não manufaturado continuaram a ser países de alto rendimento na América do Norte e na Europa. Nomeadamente, o duo Bélgica-Luxemburgo foi o principal importador de tabaco não manufaturado, sendo o sexto maior exportador de tabaco não manufaturado em 2016, o que em ambos os casos, representa um grande aumento face a 1996. É provável que os fatores impulsionadores deste crescimento sejam complexos e multifatoriais, conforme discutido no relatório.

O documento termina explorando as implicações destas tendências para o futuro dos esforços de controlo do tabaco.

Como primeiro documento no seu género da Foundation for a Smoke-Free World (doravante designada "a Fundação" ou "FSFW"), o presente relatório destina-se a fornecer uma visão geral preliminar das tendências globais emergentes na produção e comércio de tabaco. Os relatórios futuros irão aprofundar a análise, incluindo potencialmente produtos de tabaco manufaturados, uma desagregação da produção de tabaco por tipo de folha e projeções relacionadas sobre a expansão para outros tipos de produtos de tabaco, à medida que os dados fiquem disponíveis. Por exemplo, o crescimento no consumo de produtos de redução dos efeitos nocivos (por exemplo, cigarros eletrónicos) a nível mundial pode já ter alguns efeitos nos fluxos de produção e comércio de variedades de folhas de tabaco, à medida que conquistam quota de mercado (por exemplo, a *Nicotiana rustica*, que supostamente tem uma maior concentração de nicotina.

Introdução

Nas últimas duas décadas, ocorreram mudanças significativas na produção e comércio de tabaco a nível mundial. Embora as alterações na produção mundial de tabaco durante este período tenham sido bem estudadas, sabe-se consideravelmente menos sobre as alterações no comércio e fluxo do tabaco a nível mundial. Este relatório representa uma tentativa preliminar para abordar esse desequilíbrio. Inicia-se com uma breve nota sobre os métodos e depois resume tendências importantes na produção mundial de tabaco. Seguidamente, explora tendências importantes no comércio mundial de tabaco, colocando uma tónica especial na forma como as alterações no comércio de tabaco refletem, pelo menos parcialmente, as verificadas na produção de tabaco, realçando o potencial papel sobredimensionado de grandes economias emergentes e das transações "Sul-Sul". Depois disso, termina examinando as implicações destas tendências para os esforços de controlo do tabaco.

Nota metodológica

Todos os dados relativos à produção de tabaco utilizados no presente relatório referem-se aos dados da produção de safras obtidos junto da FAOSTAT, a base de dados estatística da Organização das Nações Unidas (ONU) para a Alimentação e a Agricultura (FAO).[1] A FAO define o tabaco (código 0826 da Lista de Matérias-Primas da FAOSTAT) como "tabaco seco não manufaturado, incluindo resíduos que não são destalados, ou que são destalados em parte ou na íntegra". A FAOSTAT obtém os seus dados dos países-membros da FAO, através de questionários, publicações nacionais ou websites relativos aos países.

Todos os dados sobre o comércio de tabaco foram obtidos junto da Base Pour L'Analyse du Commerce International (BACI), uma base de dados sobre o comércio mundial desenvolvida pelo Centre d'Études Prospectives et d'Informations Internationales, o conceituado instituto francês dedicado à economia internacional.[2] A BACI aplica

uma metodologia original para reconciliar discrepâncias entre declarações de países exportadores e importadores nos dados da Comtrade das Nações Unidas. A Comtrade das Nações Unidas e a BACI definem o tabaco de acordo com o regime de classificação de matérias-primas do Sistema Harmonizado (SH). Os dados sobre o comércio de tabaco não manufaturado que constam deste relatório referem-se a "tabaco não manufaturado; resíduos de tabaco" código 2401 do SH-4), utilizando a versão de 1992 do regime de classificação de matérias-primas para disponibilidade de tempo máxima. É de salientar que as definições destas duas categorias de matérias-primas correspondem exatamente, embora os métodos de recolha e processamento de dados das duas fontes sejam diferentes. Com base nos dados da BACI, da FAOSTAT, ou uma combinação de ambas, foram criados gráficos e mapas utilizando o software Stata/SE 15.1 para PC.

É de salientar que o presente relatório centra-se no tabaco não manufaturado, ou folha de tabaco, uma vez que representa o segmento a montante da cadeia de valor da indústria do tabaco, o foco principal da Agricultural Transformation Initiative (Iniciativa de Transformação Agrícola, doravante designada "a ATI").

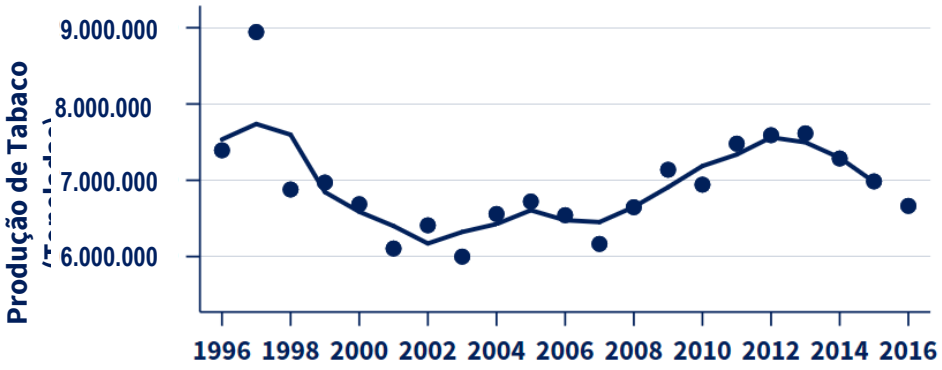
Padrões na produção mundial de tabaco

Nas últimas décadas, a produção mundial de tabaco caracterizou-se por variações anuais significativas (Figura 1). Considere que a produção anual de tabaco aumentou de praticamente 7,4 milhões (m) de toneladas em 1996 para quase 8,9 milhões de toneladas em 1997, antes de recuar para cerca de 6,9 milhões de toneladas em 1998.[1] Apenas destas variações anuais significativas, a tendência a longo prazo na produção global de tabaco parece ser constante. Se excluirmos as quase 8,9 milhões de toneladas produzidas em 1997, como um valor atípico que ocorreu apenas uma vez em duas décadas, a produção anual oscilou entre 6,0 e 7,6 milhões de toneladas ao longo das últimas duas décadas.[1,i]

Figura 1

Produção de tabaco a nível mundial, em toneladas, entre 1996 e 2016.

A linha de tendência representa uma média móvel de três anos.



Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da FAOSTAT.*[1]

A análise da produção de tabaco a nível regional revela uma passagem clara de continentes de alto rendimento, como a Europa e a América do Norte, para continentes de baixo e médio rendimento, como a África, a Ásia[ii] e a América do Sul nas últimas décadas (Figura 2).[1] Entre 1996 e 2016, a quota-parte da produção global detida coletivamente pela Europa e pela América do Norte caiu para menos de metade, de 19,2% para 9,4%, enquanto a da África, Ásia e América do Sul aumentou de 80,7% para 90,5%.[1]

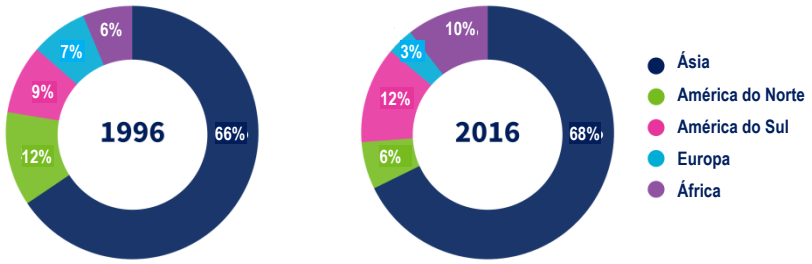
Figura 2

A percentagem da produção de tabaco a nível mundial, por região, em 1996 e 2016.

Nas últimas décadas, a percentagem da produção mundial de tabaco na Europa e na América do Norte (incluindo as Caraíbas e a América Central) diminuiu, enquanto a da África, Ásia (incluindo a Oceânia) e América do Sul aumentou.

[i] Se considerarmos o crescimento da população mundial durante este período, isto implica que a produção de tabaco *per capita* tem vindo a diminuir.

[ii] A Ásia inclui a Oceânia. A produção de tabaco na Oceânia é insignificante em comparação a todas as outras regiões. A Oceânia inclui a Micronésia, as Ilhas Fiji e toda a Polinésia, à exceção da Nova Zelândia.



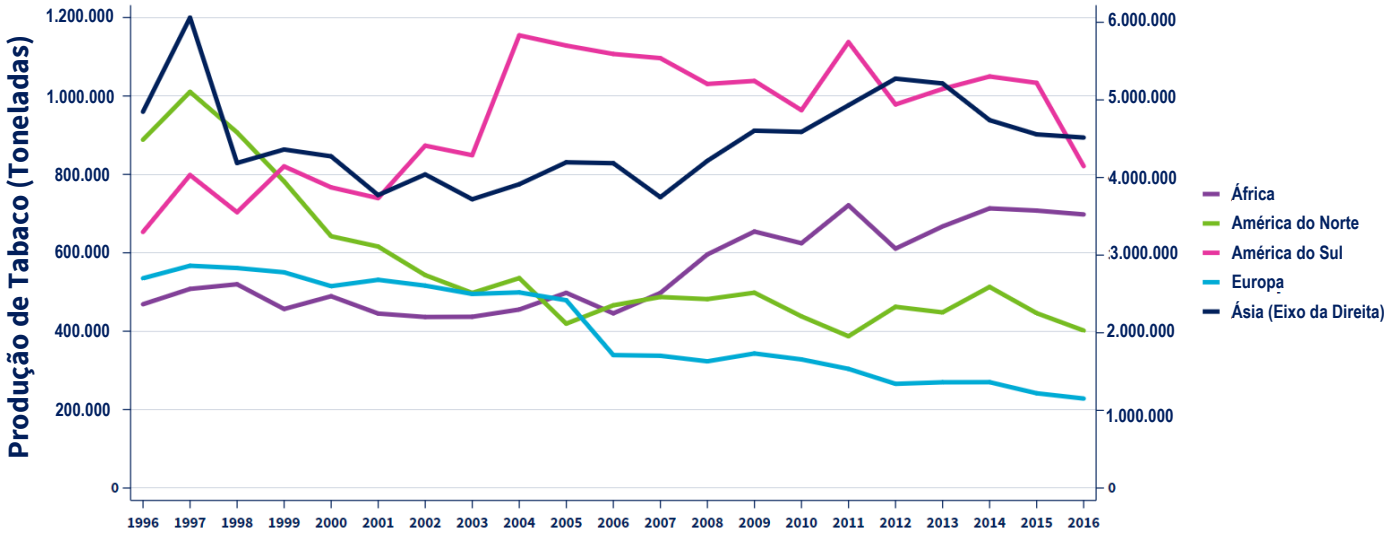
Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da FAOSTAT.*[1,iii]

Os níveis absolutos de produção (Figura 3) sofreram alterações semelhantes ao longo do tempo. Entre 1996 e 2016, a produção de tabaco diminuiu de 535.000 toneladas para 228.000 toneladas na Europa e de 888.000 toneladas para 402.000 toneladas na América do Norte no mesmo período.[1] Isto reflete uma descida na produção superior a 50% nos dois continentes. Durante o mesmo período, a produção de tabaco aumentou de 469.000 toneladas para 698.000 toneladas em África, o correspondente a um aumento de 49%, e de 653.000 toneladas para 821.000 toneladas na América do Sul, números que representam um incremento de 26%.[1] Na Ásia, a produção de tabaco diminuiu ligeiramente, de 4,84 milhões de toneladas para 4,51 milhões de toneladas no mesmo período.[1]

Figura 3

Tendências na produção de tabaco, em toneladas, por região, entre 1996 e 2016.

A produção de tabaco passou de continentes de alto rendimento, como a Europa e a América do Norte (incluindo as Caraíbas e a América Central), para continentes de baixo e médio rendimento, como a África, a Ásia e a América do Sul.



Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da FAOSTAT.*[1]

Os aumentos da produção foram impulsionados, em grande medida, pela China, pelo Brasil e pela África Subsariana – que desde 2016, inclui cinco dos maiores países produtores de tabaco a nível mundial, nomeadamente o Zimbabué (6.º), a Zâmbia (7.º), a Tanzânia (9.º), Moçambique (11.º) e o Malawi (13.º).[1] Nestes países, o tabaco é uma grande cultura comercial, que dá um contributo muito necessário às economias locais. Em 2016, por exemplo, as exportações de tabaco corresponderam a 59% das receitas totais de exportação de mercadorias do Malawi, fazendo deste o país do mundo mais dependente do tabaco.[2,iv]

[iii] Os números podem não totalizar 100% devido ao arredondamento.

[iv] Os dados foram retirados da base de dados sobre o comércio da BACI e calculados da seguinte forma: valor da exportação de tabaco em 2016/valor total das exportações em 2016 = 550.148.000/932.203.000 = 0,59.

Durante este período, quatro países continuaram a ser os principais produtores de tabaco a nível mundial: Brasil, Índia, China e os Estados Unidos.[1] No entanto, o contributo dos Estados Unidos diminuiu ao longo do tempo. Embora ainda sejam o quarto maior produtor global, produzem atualmente 4% do tabaco a nível mundial, em comparação com cerca de 42% produzidos pela China, 11% pela Índia e 10% pelo Brasil.[1]

Tendências no comércio de tabaco a nível mundial

Alterações regionais no comércio global de tabaco, de países de alto rendimento para países de baixo e médio rendimento, e o papel sobredimensionado desempenhado pelas grandes economias.

Entre 1996 e 2016, a quantidade de folha de tabaco comercializada a nível mundial aumentou de 2,16 milhões de toneladas para 2,35 milhões de toneladas, refletindo um aumento médio de aproximadamente 0,02 milhões de toneladas por ano (Figura 4).[2] As exportações de tabaco não manufaturado representam um dos primeiros elos da cadeia de valor do tabaco e começam pelo cultivo da folha de tabaco que está cada vez mais concentrado em países de baixo e médio rendimento.[3] Este tabaco é então processado, manufaturado, distribuído e vendido como produtos de tabaco acabados.

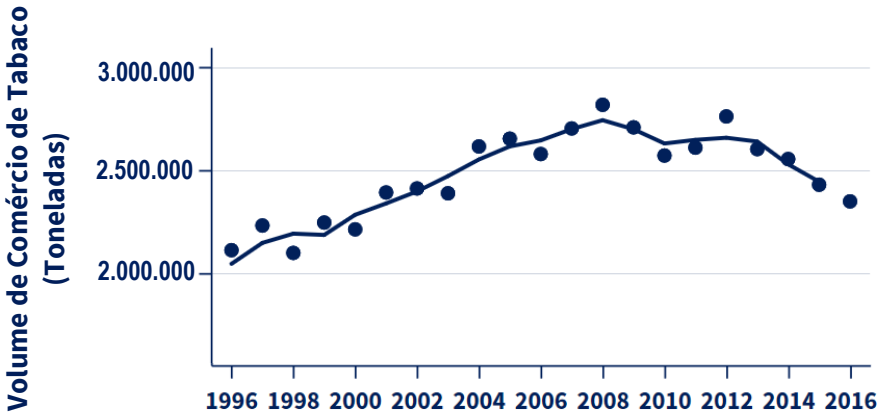
Nas últimas décadas, as alterações regionais na produção de tabaco da Europa e da América do Norte para a África, a Ásia e a América do Sul refletiram-se parcialmente nos padrões do comércio (Figura 5).[2] A diminuição da produção de tabaco na América do Norte foi acompanhada por uma redução das exportações da região, com estas a descerem de 345.000 toneladas em 1996 para 209.000 toneladas em 2016.[2] Os motivos para esta descida parecem ser multifatoriais. Nos Estados Unidos, por exemplo, provavelmente prende-se com o facto de a quantidade de tabaco nos cigarros de fabrico americano ser atualmente 40% inferior ao que era há algumas décadas, de o cultivo de tabaco ser mais caro do que noutros países devido ao programa federal de apoio aos preços, e com a descida significativa da procura resultante do Acordo-Quadro de Resolução de Litígio de 1998 entre as fabricantes de cigarros e os procuradores-gerais estaduais.[4]

Ao aumento da produção na África e na América do Sul seguiu-se um incremento correspondente nas exportações de tabaco dessas regiões. As exportações de tabaco de África aumentaram de 355.306 toneladas em 1996 para 434.799 toneladas em 2016, ao passo que na América do Sul subiram de 377.273 toneladas para 602.671 toneladas no mesmo período.[2] Estes aumentos foram impulsionados, em grande medida, por apenas alguns países nestas regiões, incluindo o Brasil e os "Cinco Grandes" produtores africanos, nomeadamente, o Zimbabué, a Zâmbia, a Tanzânia, Moçambique e o Malawi.[2]

Figura 4

Comércio mundial de tabaco não manufaturado, em toneladas, entre 1996 e 2016.

A linha de tendência representa uma média móvel de três anos.

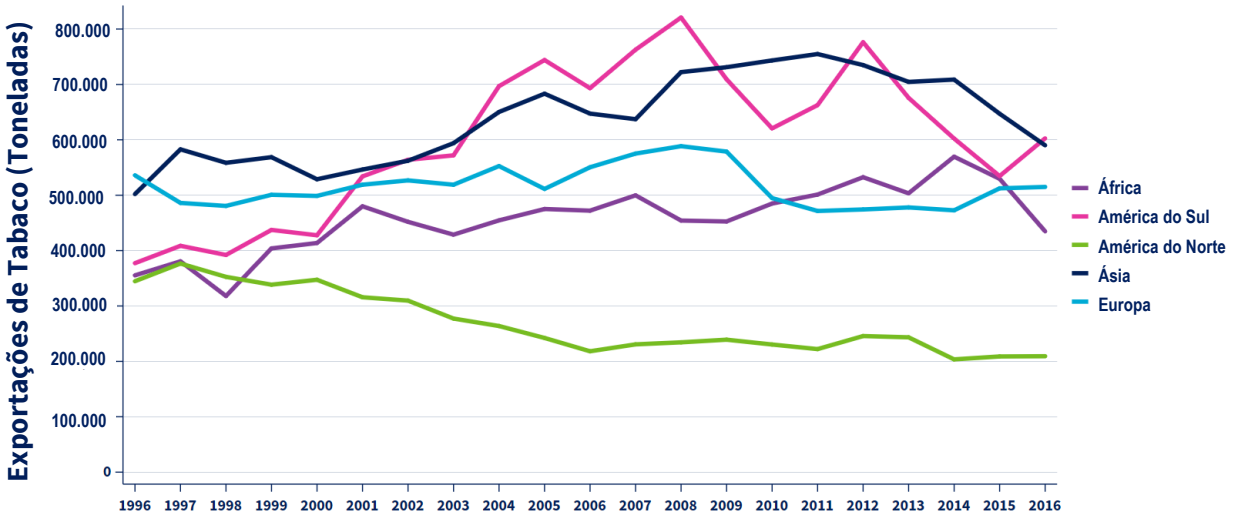


Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da BACI.*[2]

Figura 5

Tendências nas exportações de tabaco, em toneladas, por região, entre 1996 e 2016.

As exportações de tabaco da América do Norte (incluindo as Caraíbas e a América Central) diminuíram, enquanto as da África e da América do Sul aumentaram. As exportações de tabaco da Ásia aumentaram ligeiramente, tendo as da Europa permanecido estáveis.



Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da BACI.*[2]

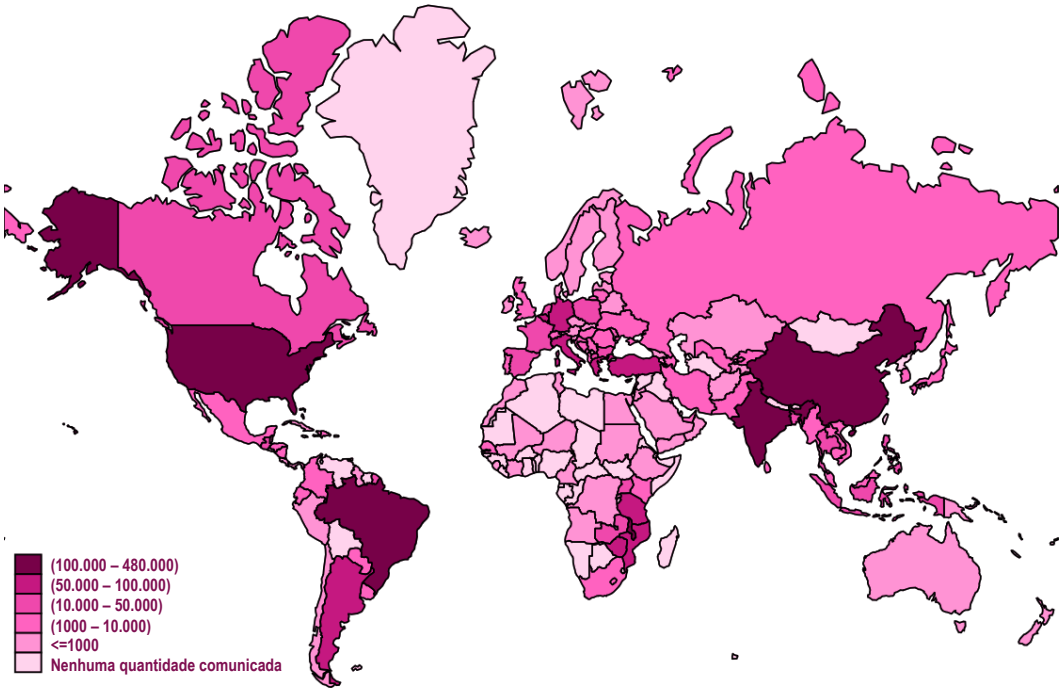
A análise das tendências a nível nacional revela, sem surpresa, que os principais produtores de tabaco são também os principais exportadores a nível mundial (Figura 6). Entre estes, destacam-se o Brasil, a China e a Índia (Tabela 1). O Brasil continuou a ser o maior exportador de tabaco durante o período investigado, enquanto a China subiu do nono lugar do *ranking*, em 1996, para o terceiro em 2016.[2] Entretanto, a Índia ascendeu rapidamente do oitavo lugar, em 1996, para o segundo em 2016.[2]

Por sua vez, a importância dos Estados Unidos enquanto exportador tem vindo a diminuir constantemente ao longo do tempo. Em 1996, os Estados Unidos exportaram 248.939 toneladas de tabaco, fazendo deste país o segundo maior exportador mundial de tabaco nesse ano (suplantado apenas pelo Brasil).[2] Em 2006, esse número tinha descido para 170.604 toneladas, fazendo dos EUA o terceiro maior exportador de tabaco (suplantado pelo Brasil e pelo Malawi).[2] Em 2016, as exportações tinham descido ainda mais para 152.392 toneladas, tornando os Estados Unidos o quarto maior exportador de tabaco nesse ano, atrás do Brasil, da Índia e da China.[2] Juntamente com o Malawi, estes países representam atualmente os cinco maiores exportadores de tabaco a nível mundial.[2]

Figura 6

Quantidade de tabaco exportada pelos países de todo o mundo, em toneladas, em 2016.

Os maiores exportadores de tabaco foram, por ordem de quantidade exportada, o Brasil, a Índia, a China, os Estados Unidos e o Malawi. O Brasil permaneceu o principal exportador no período investigado, enquanto a China e a Índia ultrapassaram o Malawi e os Estados Unidos nos últimos anos.



Fonte: *Os autores criaram a ilustração utilizando dados da BACI.*[2]

Tabela 1:

Principais países exportadores de tabaco, em quantidade, em 1996, 2006 e 2016.

1996		2006		2016	
País	Quantidade (toneladas)	País	Quantidade (toneladas)	País	Quantidade (toneladas)
Brasil	293.093	Brasil	567.270	Brasil	478.857
EUA	248.939	Malawi	184.310	Índia	204.307
Zimbabué	171.702	EUA	170.604	China	161.515
Turquia	158.632	China	159.512	EUA	152.392
Itália	143.644	Índia	157.841	Malawi	125.789
Grécia	139.570	Turquia	127.780	Bélgica-Luxemburgo	93.929
Malawi	107.322	Argentina	103.536	Argentina	92.961
Índia	95.695	Itália	103.391	Zimbabué	88.204
China	74.005	Grécia	91.844	Tanzânia	79.835
Argentina	57.455	Zimbabué	65.639	Itália	75.307
Total (mundial)	2.020.682	Total (mundial)	2.445.725	Total (mundial)	2.399.690

Fonte: *Os autores criaram a tabela utilizando dados da BACI.*[2]

Brasil

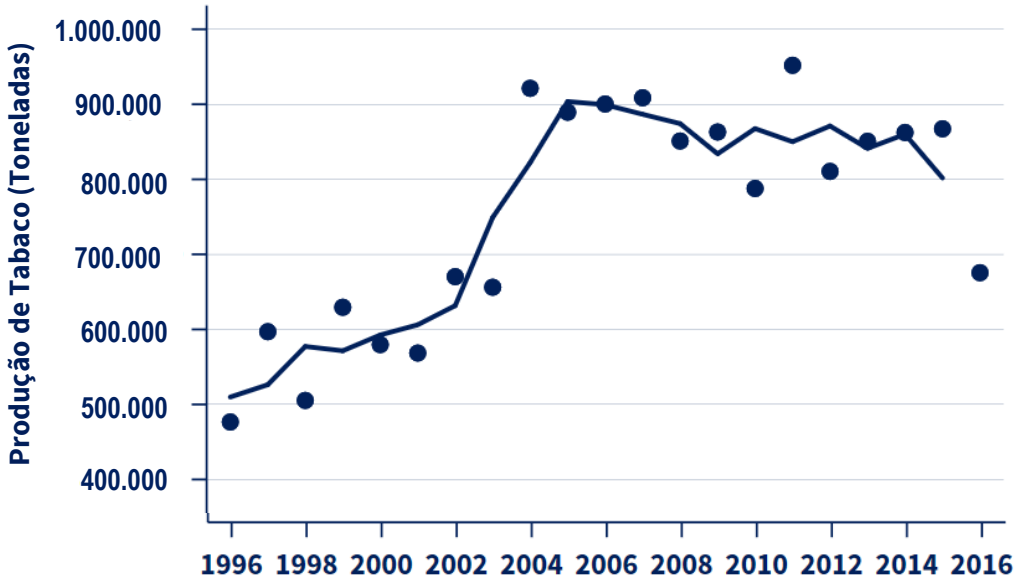
Em 1996, o Brasil produziu mais de 477.000 toneladas de tabaco e exportou 294.000 toneladas (62%).[1,2] Perto do seu valor máximo em 2007, produziu mais de 909.000 toneladas e exportou mais de 633.000 toneladas (70%).[1,2] Desde então, a produção oscilou entre 676.000 e 952.000 toneladas, enquanto as exportações oscilaram entre 460.000 e 688.000 toneladas.[1,2] No entanto, a tendência global em termos de produção e exportações tem sido ascendente, com o país a produzir cerca de 17.000 toneladas adicionais por ano e a exportar cerca de 12.000 toneladas adicionais por ano ao longo das últimas duas décadas (Figuras 7 e 8).[v]

A escala a que o Brasil exporta tabaco é particularmente digna de nota. Nas últimas duas décadas, foi o principal exportador de tabaco e, nos últimos anos, foi responsável por aproximadamente um quinto de todas as exportações de tabaco.[2] Em 2016, os principais destinos destas exportações foram a Bélgica-Luxemburgo[vi] (78.219 toneladas), os Estados Unidos (53.388 toneladas), a China (42.631 toneladas), a Rússia (32.140 toneladas) e a Alemanha (18.286 toneladas) (Figura 9).

Figura 7

Toneladas de tabaco produzidas no Brasil entre 1996 e 2016.

A linha de tendência representa uma média móvel de três anos.



Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da FAOSTAT.*[1]

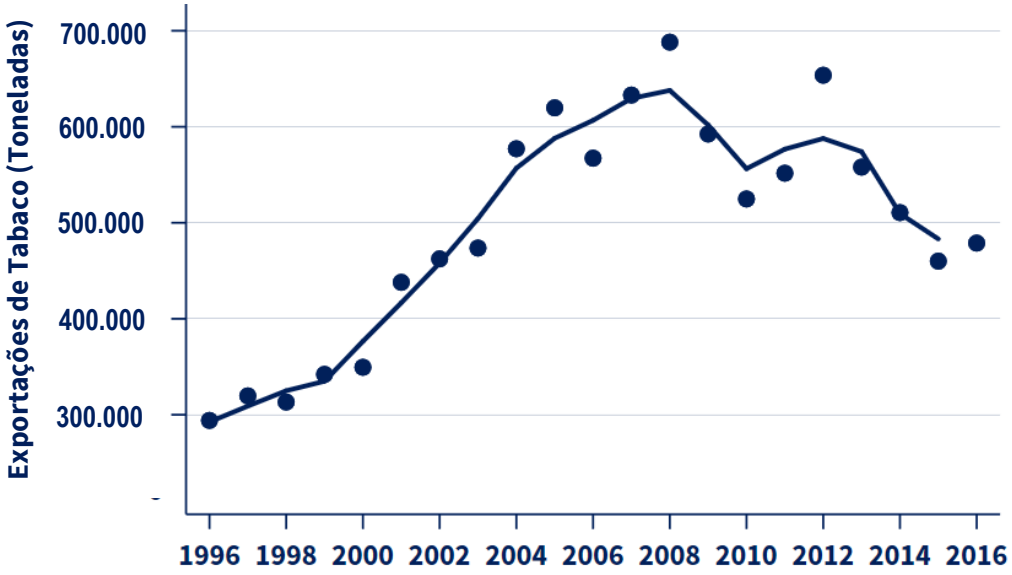
[v] Estimado mediante regressões lineares simples, calculadas pelos autores.

[vi] O conjunto de dados refere-se aos países da Bélgica e Luxemburgo como uma entidade. Por conseguinte, não nos é possível distinguir entre exportações para um país, face ao outro. Presumivelmente, a grande quantidade de exportações para a "Bélgica-Luxemburgo" observada nos dados consiste maioritariamente em exportações para a Bélgica (uma vez que é aí que está situado o porto de Antuérpia), e não para o Luxemburgo, que não tem litoral.

Figura 8

Toneladas de tabaco exportadas pelo Brasil entre 1996 e 2016.

A linha de tendência representa uma média móvel de três anos.

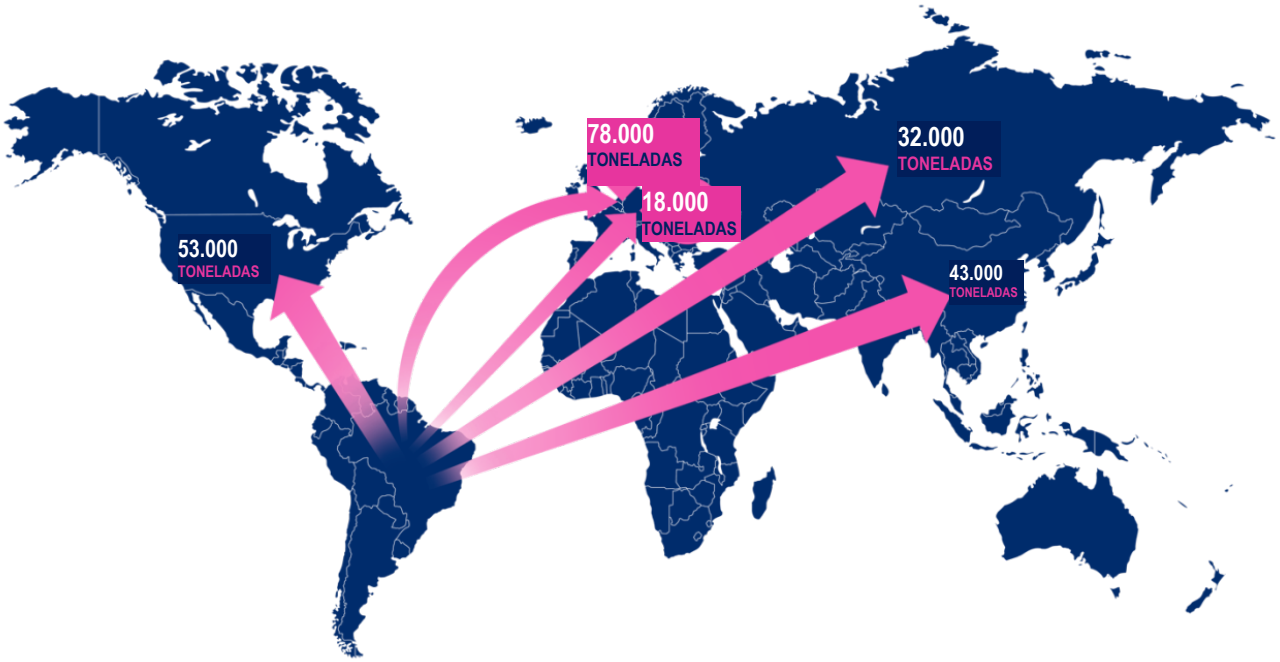


Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da BACI.*[2]

Figura 9

Principais destinos de exportações de tabaco do Brasil em 2016.

Os principais destinos das exportações do Brasil foram, por ordem de quantidade exportada, a Bélgica-Luxemburgo (78.219 toneladas), os Estados Unidos (53.388 toneladas), a China (42.631 toneladas), a Rússia (32.140 toneladas) e a Alemanha (18.286 toneladas).



Fonte: *Os autores criaram a ilustração utilizando dados da BACI.*[2]

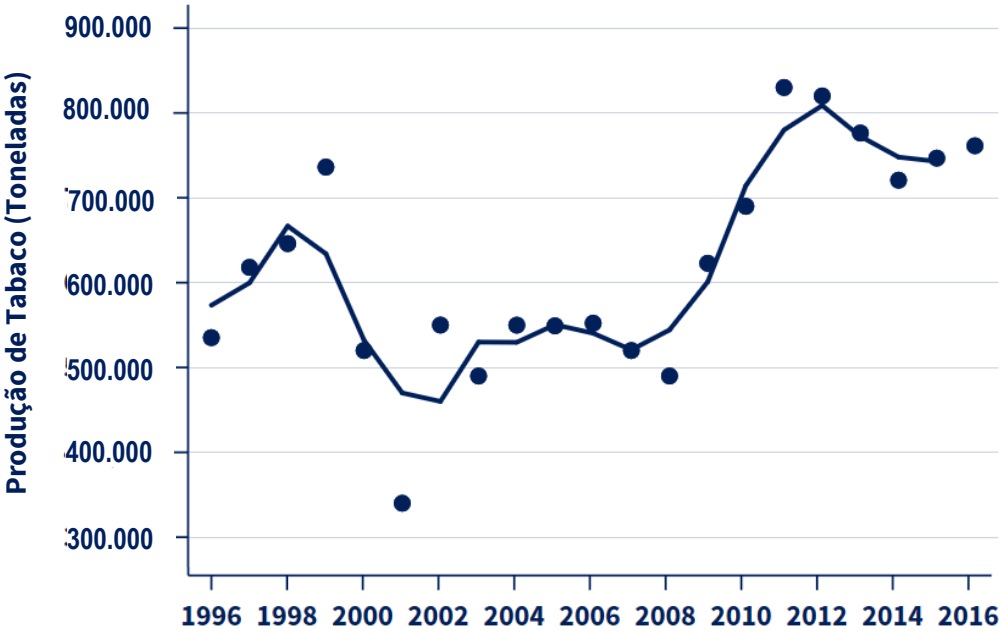
Índia

Em 1996, a Índia produziu 535.000 toneladas de tabaco, tendo exportado 96.000 (18%).[1, 2] Apesar das flutuações significativas na produção e nas exportações ao longo do tempo, as tendências têm sido geralmente de subida. A produção cresceu aproximadamente 12.000 toneladas por ano e as exportações cerca de 7.000 toneladas por ano ao longo das últimas duas décadas (Figuras 10 e 11).[vii] Mais recentemente, em 2016, o país produziu mais de 761.000 toneladas e exportou mais de 204.000 toneladas de tabaco.[1, 2]

Figura 10

Toneladas de tabaco produzidas na Índia entre 1996 e 2016

A linha representa uma média móvel de três anos.



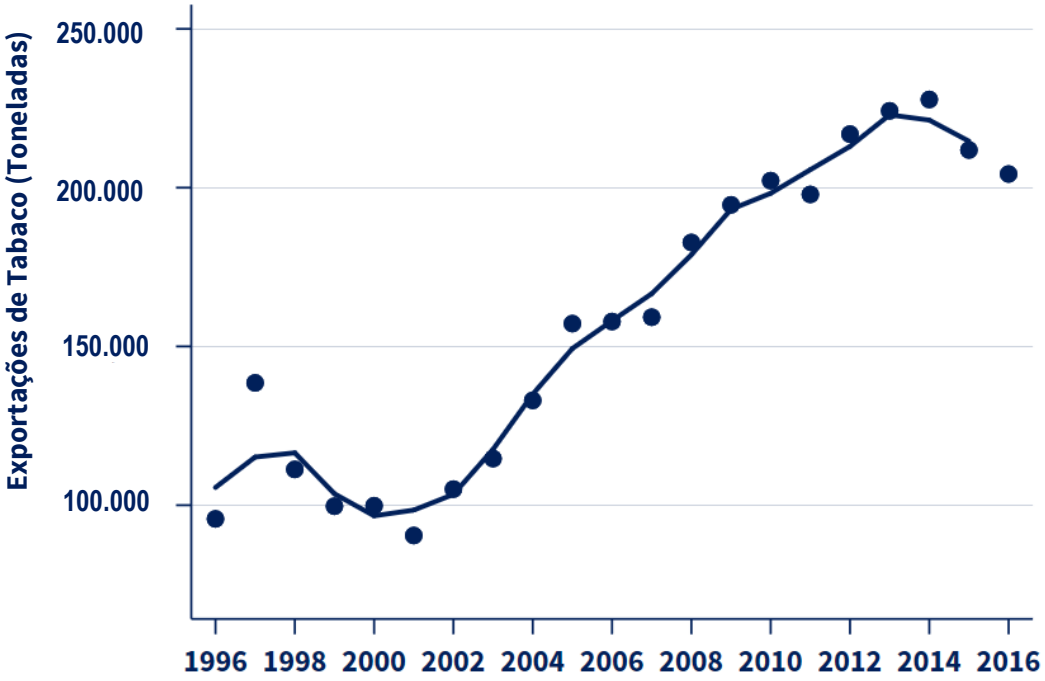
Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da FAOSTAT.*[1]

[vii] Estimado mediante regressão linear simples, calculada pelos autores.

Figura 11

Toneladas de tabaco exportadas pela Índia entre 1996 e 2016.

A linha de tendência representa uma média móvel de três anos.



Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da BACI.*[2]

China

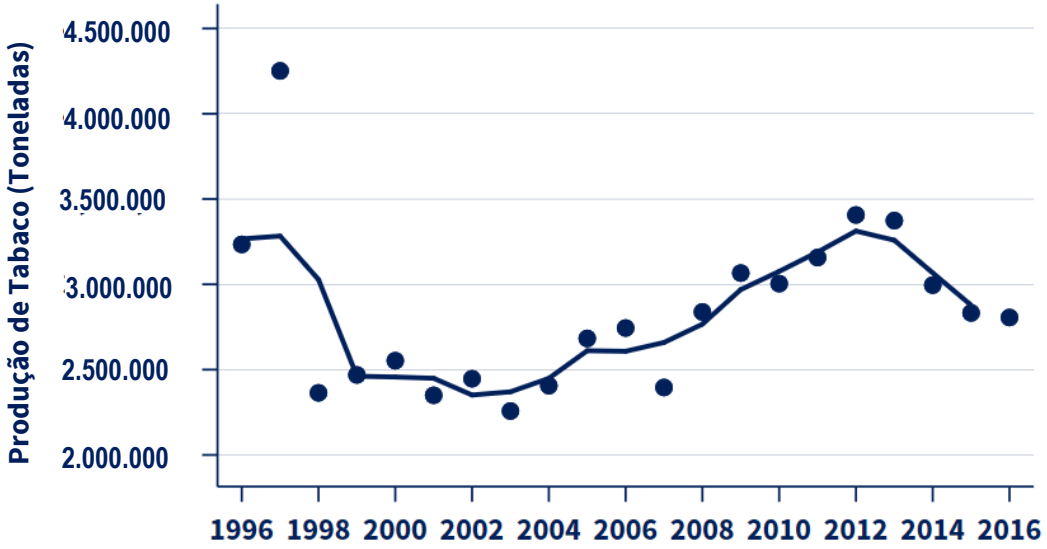
Em 1996, a China produziu 3.234.000 toneladas, mas exportou apenas 74.000 toneladas de tabaco – cerca de 2% da sua safra. No ano seguinte, a produção atingiu o valor máximo de 4.251.000 toneladas, mas as exportações permaneceram em cerca de 2%, com mais de 91.000 toneladas enviadas para o estrangeiro. Em 1998, a produção caiu acentuadamente para 2.364.000 toneladas, mas desde essa altura apresentou uma tendência ascendente, tendo diminuído a partir de 2012. Durante este período, a quota-parte da sua safra que foi exportada permaneceu entre 5% e 8%.[viii] Em termos gerais, a China produziu cerca de 11.300 toneladas adicionais de tabaco por ano e exportou aproximadamente mais 5.400 toneladas de tabaco por ano durante as últimas duas décadas (Figuras 12 e 13).[ix]

[viii] Conforme calculado pelos autores utilizando dados da FAOSTAT e da BACI.
[ix] Estimado mediante regressão linear simples, calculada pelos autores.

Figura 12

Toneladas de tabaco produzidas na China entre 1996 e 2016.

A linha de tendência representa uma média móvel de três anos.

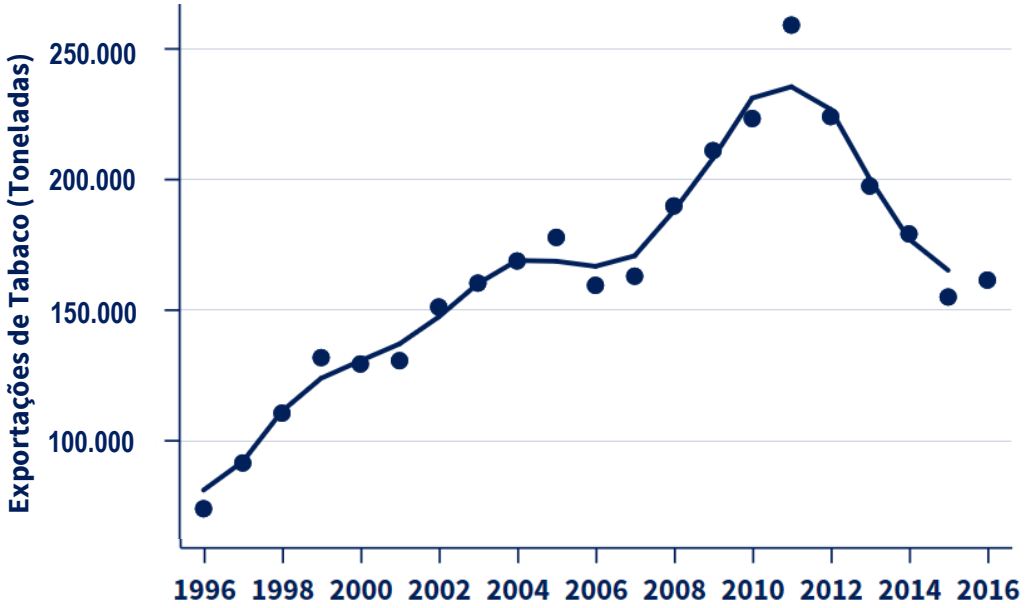


Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da FAOSTAT.*[1]

Figura 13

Toneladas de tabaco exportadas pela China entre 1996 e 2016.

A linha de tendência representa uma média móvel de três anos.



Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da BACI.*[2]

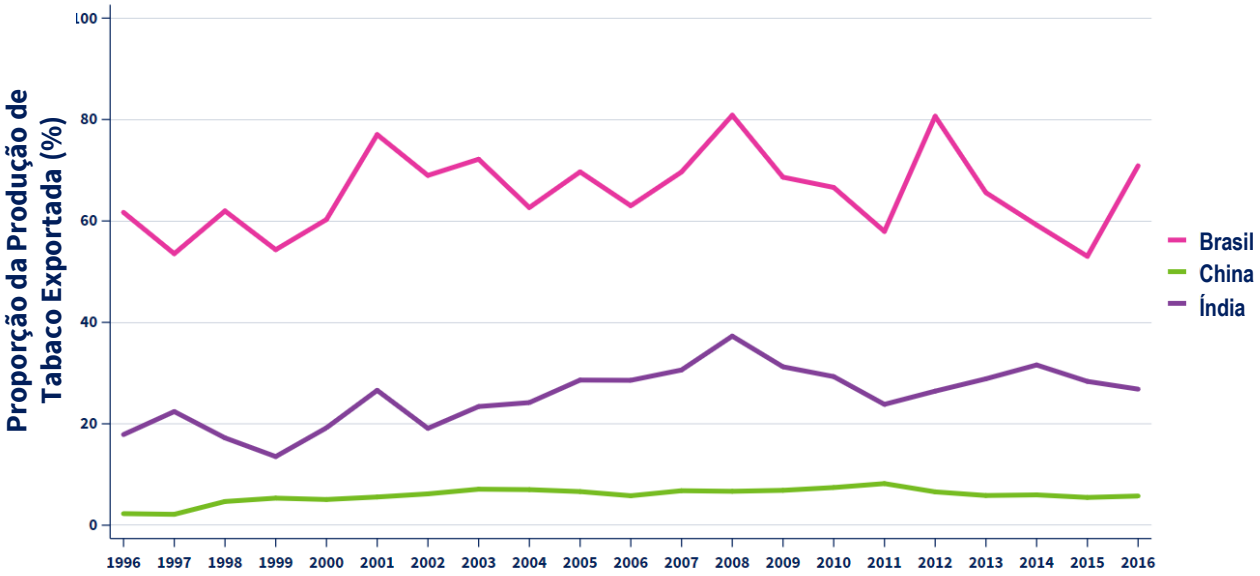
Captura da cadeia de valor do tabaco nas grandes economias emergentes

Embora a produção e as exportações de tabaco tenham aumentado nestas três grandes economias emergentes, apenas o Brasil parece exportar a maior parte da folha de tabaco que produz. Entre 1996 e 2016, o Brasil exportou entre 53% e 81% da sua folha de tabaco (Figura 14). Em contrapartida, a China exporta apenas uma pequena quantidade do tabaco que produz – no máximo, 8% da produção nos últimos anos.[1, 2, x] Do mesmo modo, a Índia exporta apenas uma parcela da sua produção, e nunca mais de 37% da sua safra nas últimas décadas.[1, 2, xi]

A quota-parte relativamente modesta de tabaco exportada pela China e pela Índia mostra a medida em que a capacidade da transformação de tabaco local cresceu ao longo do tempo, permitindo fornecer um mercado doméstico vasto e em crescimento nos dois países. Em vez de simplesmente cultivar tabaco, ambos os países conseguiram captar os componentes a jusante mais lucrativos da cadeia de valor do tabaco: a transformação, a distribuição e as vendas. Ao fazê-lo, conseguiram promover o crescimento das suas indústrias e contribuir para o crescimento económico em geral, criando emprego e rendimentos neste setor de atividade, conforme explicado adiante.

Figura 14

Quota da produção de tabaco exportada, em toneladas, pelo Brasil, pela Índia e pela China entre 1996 e 2016.



Fonte: *Os autores criaram o gráfico utilizando dados da FAOSTAT e da BACI.*[1,2]

Na China, o setor do tabaco é dominado por uma única empresa, a China National Tobacco Corporation (ou China Tobacco, como é conhecida habitualmente). Na qualidade de empresa estatal, a China Tobacco usufrui de um monopólio no enorme mercado doméstico, onde são consumidos 40% dos cigarros a nível mundial.[5] Por conseguinte, é sem surpresa que a China Tobacco é o maior fabricante mundial de produtos de tabaco, representando 38% da produção global de cigarros.[6] A China Tobacco tem aproximadamente 130 instalações de

[x] Conforme calculado pelos autores utilizando dados da FAOSTAT e da BACI.
[xi] Conforme calculado pelos autores utilizando dados da FAOSTAT e da BACI.

fabrico de produtos de tabaco, empregando 510.000 pessoas em 33 províncias e contribuindo com 7% a 11% das receitas fiscais anuais do governo.[7]

Na Índia, por outro lado, o panorama na indústria de transformação do tabaco é muito mais diversificado, incluindo empresas participadas pelo Estado, como a ITC Limited, que emprega 26.000 pessoas em cinco fábricas e três unidades de debulha de folhas espalhadas por seis estados.[8] Outras *joint ventures* incluem a Godfrey Phillips India (uma parceria entre o Modi Group e a Philip Morris International) e a VST Industries, entre muitas outras empresas nacionais de menor dimensão.

Acompanhando esta tendência, vários dos principais países produtores e exportadores de tabaco na África Subsariana estão a seguir o exemplo. Os governos e as partes interessadas relacionadas nestes países estão ansiosos por captar elos adicionais da cadeia de valor do tabaco e já expandiram ou estão a monitorizar oportunidades para expandir a capacidade doméstica, para incluir o processamento e transformação de produtos relacionados com o tabaco.[9,10,11,12,13,14]

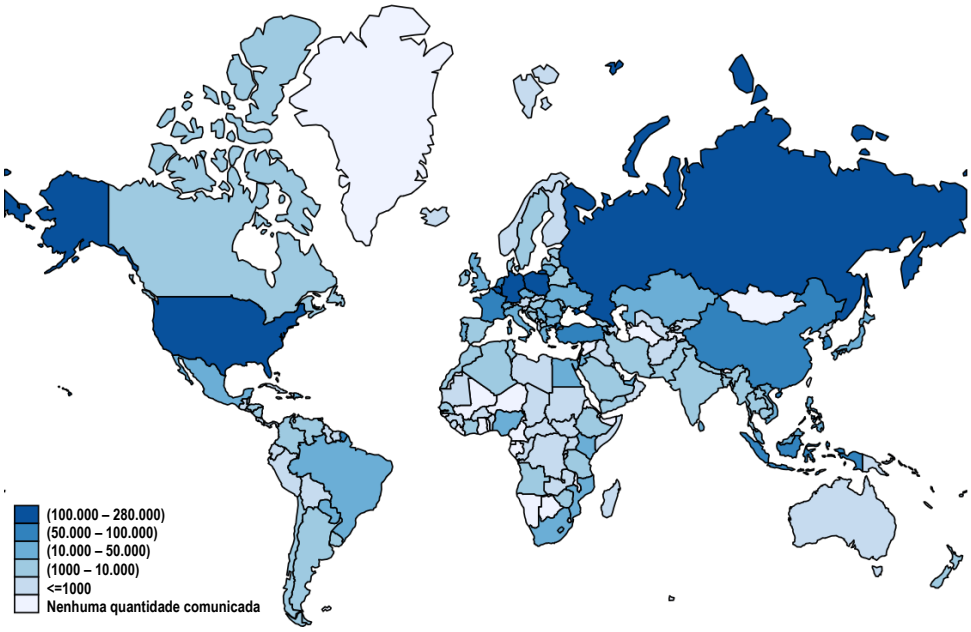
Importadores de tabaco

Os principais importadores de tabaco não manufaturado estão localizados em continentes de alto rendimento: América do Norte e Europa (Figura 15).[2] Mais especificamente, em termos gerais, os Estados Unidos e países europeus como a Bélgica-Luxemburgo, a Alemanha e a Rússia continuaram as ser os principais importadores nos últimos anos (Tabela 2).[2]

Figura 15

Quantidade de tabaco importada pelos países de todo o mundo, em toneladas, em 2016.

Os maiores importadores de tabaco foram, por ordem de quantidade importada, a Bélgica-Luxemburgo, a Rússia, a Alemanha, os Estados Unidos, a Polónia, a Indonésia e a China.



Fonte: *Os autores criaram a imagem utilizando dados da BACI.*[2]

Nestes países, no entanto, ocorreram alterações significativas (Tabela 2). Por exemplo, as importações de tabaco dos Estados Unidos diminuíram de 331.091 toneladas em 1996 para 153.602 toneladas em 2016, enquanto as importações de tabaco da Bélgica-Luxemburgo cresceram de 59.573 toneladas em 1996 para 278.037 toneladas em 2016, um valor quase cinco vezes superior (consultar a Tabela 2). Em 2016, o duo Bélgica-Luxemburgo foi o principal importador de tabaco não manufaturado, sendo o sexto maior exportador de tabaco não manufaturado. Não foi um dos principais 15 importadores ou exportadores de tabaco manufaturado (cigarros). A caixa 1, infra, apresenta uma possível explicação para isto.

Tabela 2

Principais países importadores de tabaco, em quantidade, em 1996, 2006 e 2016

1996		2006		2016	
País	Quantidade (toneladas)	País	Quantidade (toneladas)	País	Quantidade (toneladas)
EUA	331.091	Rússia	266.783	Bélgica-Luxemburgo	278.037
Alemanha	195.475	EUA	249.326	Rússia	181.038
Reino Unido	173.757	Alemanha	199.782	Alemanha	159.216
Rússia	118.134	Bélgica-Luxemburgo	166.524	EUA	153.602
Países Baixos	101.006	Países Baixos	124.844	Polónia	104.836
Japão	91.849	Egito	98.423	Indonésia	92.892
França	63.361	França	81.684	China	89.801
Bélgica-Luxemburgo	59.573	Filipinas	78.904	Países Baixos	77.397
Espanha	53.686	Ucrânia	72.973	Turquia	76.323
Turquia	48.367	Polónia	66.328	França	62.339
Total (mundial)	2.010.881	Total (mundial)	2.484.724	Total (mundial)	2.209.553

Fonte: *Os autores criaram a tabela utilizando dados da BACI.*[2]

Caixa 1

O caso especial da Bélgica-Luxemburgo

O crescimento substancial na importação de tabaco não manufaturado na Bélgica-Luxemburgo é merecedor de uma análise mais granular. Entre 1996 e 2016, o país saltou do oitavo para o primeiro lugar no *ranking* mundial de importações de tabaco não manufaturado, sendo a maior parte das suas importações originárias – por ordem de valor – do Brasil, do Malawi, da Tanzânia, da Itália e da Índia.[2] Os fatores impulsionadores deste crescimento são complexos e multifatoriais, incluindo a sua função como "zona franca virtual", a atratividade do ponto de vista logístico e as eficiências aduaneiras associadas, as grandes instalações de armazenamento, a existência de comerciantes de tabaco bem estabelecidos no porto e a criação da União Europeia (que alargou e ampliou a acessibilidade regional para quem transaciona através do porto; ver adiante para obter mais detalhes).[15,16,17,xii]

Historicamente, o porto de Antuérpia alberga alguns dos maiores e mais sofisticados armazéns de folha de tabaco e cigarros de todo o mundo.[16] Por conseguinte, os mercados e as redes de distribuição desenvolvidos em torno do comércio de tabaco estão bem estabelecidos.[16] Essas capacidades logísticas tornam o porto de Antuérpia particularmente atrativo para os envolvidos no comércio do tabaco, provavelmente permitindo que o porto – pelo menos no contexto do tabaco – seja mais competitivo do que o porto de Roterdão, nos Países Baixos.[16,xiii]

Além disso, o estabelecimento da União Europeia como um bloco de comércio livre deu origem a um conjunto de alterações regulamentares, que trouxeram vantagens adicionais ao porto de Antuérpia. Uma destas alterações regulamentares incluiu, por exemplo, o alargamento de um regime de trânsito que suspende os direitos aduaneiros, os impostos especiais e o imposto sobre o valor acrescentado relativamente às mercadorias que transitem pelo território (sendo que os encargos aduaneiros, direitos e impostos continuam a ser aplicados à chegada ao destino final).[16] Isto pode explicar parcialmente o rápido crescimento das importações na Bélgica-Luxemburgo durante as últimas duas décadas.

Uma consequência indesejada do regime de livre trânsito na União Europeia é que criou um forte incentivo à fraude e ao contrabando. O incentivo é que o desvio das importações destinadas ao exterior da União Europeia para venda no território pode ser excecionalmente lucrativo, uma vez que os produtos se destinavam ao trânsito livre de impostos ao abrigo do regime europeu, mas são vendidos ilicitamente ao preço incluindo impostos no território.[16] Embora a escala e o âmbito dessa fraude, contrabando e desvio de tabaco não manufaturado não tenham sido devidamente estudados, e a análise esteja desatualizada, no passado, foram bem documentados esquemas fraudulentos do género relativos a cigarros na Europa.[16] Um estudo do Parlamento Europeu, por exemplo, estimou que cerca de 60 mil milhões de cigarros foram vendidos ilicitamente desta forma na Europa, todos os anos, durante a década de 90.[16] Este valor representa uma perda anual de aproximadamente 6 mil milhões de USD.[16] Os cigarros foram um artigo especialmente atrativo para esses desvios, pois trata-se de algo relativamente leve de transportar e sujeito a uma carga fiscal elevada.

Apenas alguns estudos centraram atenções no contrabando da forma de tabaco minimamente processada, conhecida como tabaco cortado, dentro da Europa. Muito deste trabalho foi realizado pelo centro de investigação Transcrime Research e encomendado por grandes empresas de tabaco interessadas em reduzir o contrabando na região. Os investigadores estimaram que 48,2% do tabaco cortado consumido em 2015 num conjunto de 15 países da Europa de Leste foi proveniente do comércio ilícito, resultando em perdas de receitas na ordem de 1.000 milhões de €.[18] Outras entidades também comunicaram a apreensão de grandes quantidades de tabaco ilícito, cortado ou em rama, na Bulgária, no Chipre, na Dinamarca, na Hungria, na Irlanda, na Polónia, nos Países Baixos e na Eslováquia entre 2006 e 2013.[19,20] O Diretor de Política do Organismo Europeu de Luta Antifraude sublinhou que o comércio ilícito de tabaco cortado continua a ser um problema atual e crescente, especialmente na Europa Central e de Leste, onde a regulamentação é frágil e permeável no que se refere ao cultivo e comércio de tabaco.[21,22]

O comércio ilícito também ocorre noutras partes do mundo. Fora da Europa, alguns estudos examinaram o fluxo de folha de tabaco ilícita em países Africanos, na Austrália e na Nova Zelândia. Em África, a maior parte destes estudos incidiu sobre o contrabando de folha de tabaco entre o Malawi, a Zâmbia e os países vizinhos.[23,24,25,26,27,28,29] Muita desta atividade parece resultar de prováveis incentivos perversos criados por oportunidades de arbitragem entre os sistemas de compra de folha de tabaco, leilão e tributação dos países vizinhos.[24,29] A título de exemplo, em 2005, quase 15% da folha de tabaco no mercado da Zâmbia tinha sido contrabandeada do vizinho Malawi.[29] Na Austrália, o tabaco cortado parece ser contrabandeado para o país e cultivado ilegalmente em quintas.[30] Os especialistas estimam que, na Austrália, foram consumidos cerca de 1,4 mil milhões de equivalentes a cigarros em tabaco cortado ilícito ("chop-chop") em 2017.[30] Na Nova Zelândia, foram apreendidos em média 2.319 kg de tabaco em folha solta por ano entre 2010 e 2013, com uma média estimada de 9.541 a 25.019 kg por ano contrabandeados para o país.[31]

Importa sublinhar que, embora o potencial fluxo de tabaco ilícito levante dúvidas sobre a exatidão dos dados disponíveis relativamente aos fluxos comerciais lícitos, pouco se sabe sobre o volume em que isto pode estar a ocorrer à escala global. Provavelmente será necessário um estudo separado para ajudar a

[xii] Antuérpia é um porto de trânsito e uma "zona franca virtual", o que significa que oferece um vasto leque de procedimentos para evitar o pagamento de impostos e direitos sobre as importações diretas. Os utilizadores beneficiam de um entreposto sob controlo aduaneiro, do regime de regime de aperfeiçoamento ativo e de um portão alargado, onde podem armazenar temporariamente as mercadorias.

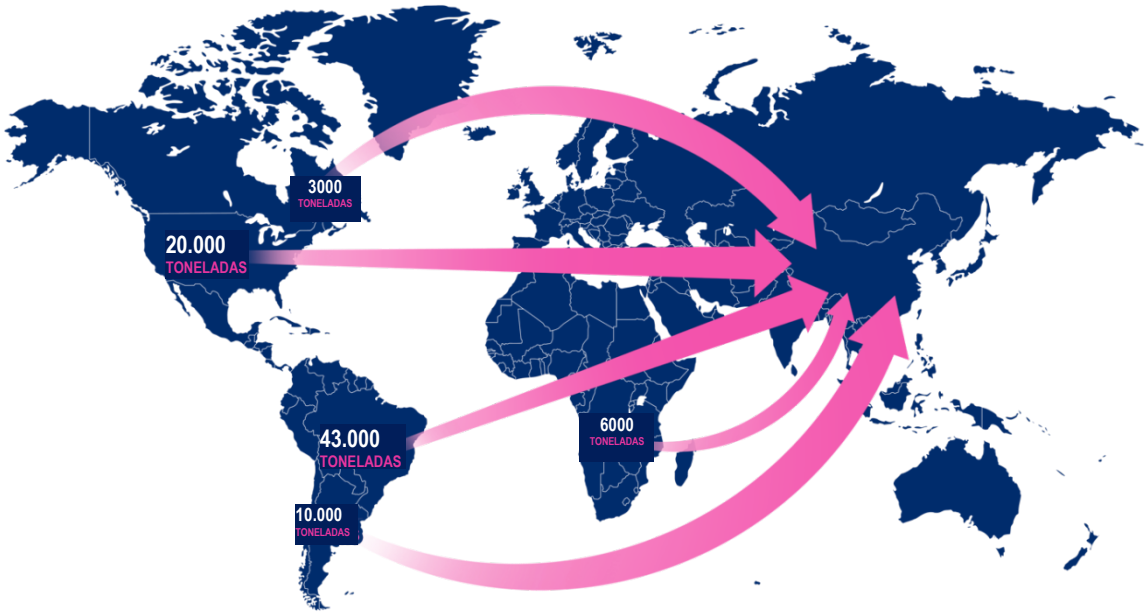
[xiii] Para contextualizar, os portos de Antuérpia e Roterdão são o 4.º e o 17.º mais movimentados do mundo, ocupando o primeiro e segundo postos do *ranking* na Europa, respetivamente. Todos os anos, 32 países diferentes transportam mais de um milhão de toneladas de mercadorias passando por Antuérpia.

quantificar, pelo que esta questão está fora do âmbito do presente documento.

Figura 16

Principais origens das importações da tabaco da China em 2016.

As principais origens das importações, por ordem de quantidade importada, foram o Brasil (42.631 toneladas), os Estados Unidos (19.897 toneladas), a Argentina (9.702 toneladas), a Zâmbia (6.475 toneladas) e o Canadá (3.010 toneladas).



Fonte: *Os autores criaram a imagem utilizando dados da BACI.*[2]

É igualmente importante assinalar que um subconjunto de países de baixo e médio rendimento, incluindo a China e a Indonésia, se tornaram importadores de tabaco não manufaturado. Entre 1996 e 2016, as importações de tabaco da China praticamente quintuplicaram, de 17.993 para 89.801 toneladas, tornando o país no sétimo maior importador de tabaco do mundo em 2016.[2] Do mesmo modo, entre 1996 e 2016, as importações da tabaco da Indonésia mais do que duplicaram, passando de 42.934 toneladas para 92.892 toneladas, fazendo do país o sexto maior importador de tabaco do mundo em 2016.[2] À medida que a importância da China como importador de tabaco foi crescendo, o Brasil beneficiou na qualidade de seu principal parceiro comercial. Em 2016, a China importou 42.631 toneladas de tabaco do Brasil (Figura 16). Para além do Brasil, as outras fontes de importações de tabaco da China foram os Estados Unidos, o Canadá e outros países de baixo e médio rendimento, como a Argentina (9.702 toneladas) e a Zâmbia (6.475 toneladas). Isto sugere um aumento nos fluxos comerciais de tabaco dentro de e entre países de baixo e médio rendimento (o que é frequentemente designado comércio “Sul-Sul”).

Conclusão

Esta análise revelou várias tendências importantes na produção e comércio de tabaco nas últimas duas décadas.

- Em primeiro lugar, ocorreu uma alteração substancial na produção de tabaco a nível mundial, passando de países na Europa e na América do Norte para países em África, na Ásia e na América do Sul. Entre 1996 e 2016, a quota-parte global da produção de tabaco da Europa e da América do Norte caiu para menos de metade, de 19,2% para 9,4%, enquanto a da África, Ásia e América do Sul aumentou de 80,7% para 90,5%.
- Em segundo lugar, três grandes economias emergentes – o Brasil, a Índia e a China – dominaram consistentemente a produção mundial de tabaco durante o período analisado. Em 2016, o Brasil, a Índia e a China produziram quase 64% do tabaco a nível mundial (cerca de 42% a cargo da China, 11% da Índia e 10% do Brasil). A dada altura, os Estados Unidos foram um produtor dominante (e continuam a ser o quarto maior produtor do mundo), mas a sua quota-parte da produção mundial de tabaco diminuiu para cerca de 4%.
- Em terceiro lugar, o Brasil, a Índia e a China também desempenham um papel sobredimensionado no comércio mundial de tabaco – mas não de forma proporcional à respetiva produção. Atualmente, cerca de 20% do tabaco transacionado a nível mundial é originário do Brasil, 9% da Índia, 7% da China e 7% dos Estados Unidos. Enquanto o Brasil exporta a maior parte da folha de tabaco que produz, a China e a Índia exportam parcelas relativamente pequenas, sugerindo que conseguiram captar elos adicionais da cadeia de valor, para além da produção primária. Outros países de baixo e médio rendimento, parecem ansiosos por seguir o exemplo.
- Por fim, a China tornou-se um importador de tabaco cada vez mais importante, com a maioria das suas importações a ser originária do Brasil. Talvez isto seja um indicador de que o comércio entre países de baixo e médio rendimento está a crescer.

A presente análise da produção e comércio de tabaco sublinhou claramente o papel crescente de grandes economias emergentes na economia do tabaco a nível mundial. O Brasil mantém um papel de exportador dominante, ao passo que a China se transformou num importador e exportador significativo de tabaco. O comércio entre os dois países – talvez o prenúncio de um aumento mais generalizado do comércio entre países de baixo e médio rendimento – está a crescer, com a China e a Índia a desempenharem papéis cada vez mais importantes a jusante na cadeia de valor global.

Estas tendências podem ter implicações importantes para os esforços de controlo do tabaco. Realçam, por exemplo, a crescente clivagem em termos de incentivos ao controlo do tabaco entre os países de alto rendimento e os de baixo e médio rendimento. À medida que a produção e exportação de tabaco diminuem nos países de alto rendimento, o impacto do tabagismo na saúde torna-se, cada vez mais, a única preocupação relacionada com o tabaco. Em contrapartida, com o aumento da produção e das exportações de tabaco nos países de baixo e médio rendimento, alguns dirão, porventura, que as externalidades económicas negativas decorrentes das consequências do tabagismo para a saúde são compensadas, pelo menos parcialmente, pelos benefícios económicos da produção e transformação de tabaco. Embora estes argumentos possam ser simultaneamente interessantes e controversos, é necessária uma resposta política coerente e persuasiva, que empurre e puxe países para fora da produção, transformação e consumo de tabaco. Acima de tudo, é necessária investigação adicional sobre a dinâmica do comércio mundial de tabaco, incluindo o movimento de tabaco manufaturado e as implicações para os esforços de controlo do tabaco.

[1] FAOSTAT. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). http://www.fao.org/faostat/en/#home. Acedido a 1 de julho de 2018.

[2] BACI. Base de Dados do Comércio Mundial da CEPII. 2016. http://www.cepii.fr/CEPII/en/bdd_modele/presentation.asp?id=1. Acedido a 1 de agosto de 2018.

[3] Hu TW, Lee AH. Tobacco control and tobacco farming in African countries. J Public Health Policy. 2015;36(1):41-51. doi: 10.1057/jphp.2014.47.

[4] The Library of Congress - Congressional Research Service. U.S. Tobacco Production, Consumption, and Export Trends. http://nationalaglawcenter.org/wp-content/uploads/assets/crs/RL30947.pdf. Atualizado a 3 de junho de 2003. Acedido a 11 de abril de 2019.

[5] The Tobacco Atlas. Consumption. https://tobaccoatlas.org/topic/consumption/. Acedido a 11 de abril de 2019.

[6] Foundation for a Smoke-Free World. Global Trends in Nicotine. https://www.smokefreeworld.org/sites/default/files/fsfw-report-trends-in-nicotine-1005201811.pdf. Acedido a 11 de abril de 2019.

[7] Fang J, Lee K, Sejpal N. The China National Tobacco Corporation: from domestic to global dragon? Glob Public Health. 2017;12(3):315-334. doi:10.1080/17441692.2016.1241293.

[8] ITC Limited. Relatório e Contas de 2018. https://www.itcportal.com/about-itc/shareholder-value/annual-reports/itc-annual-report-2018/pdf/ITC-Report-and-Accounts-2018.pdf. Acedido a 11 de abril de 2019.

[9] Times of Zambia. Tobacco Vital to Economy. http://www.times.co.zm/?p=57328. Acedido a 8 de abril de 2019.

[10] East African Business Week - EABW Digital. Tobacco to Pump US$345m into Government Coffers. https://www.busiweek.com/tobacco-to-pump-us345m-into-government-coffers/. Publicado a 15 de março de 2019. Acedido a 11 de abril de 2019.

[11] Lusakatimes.com. Chipata in More Tobacco Factory Establishment. https://www.lusakatimes.com/2017/12/19/chipata-tobacco-factory-establishment/. Publicado a 19 de dezembro de 2017. Acedido a 11 de abril de 2019.

[12] The MaraviPost. DPP-Mutharika Falls Short of 2014 Campaign Promises. http://www.maravipost.com/dpp-mutharika-falls-short-of-2014-campaign-promises/. Publicado a 31 de março de 2019. Acedido a 11 de abril de 2019.

[13] África. Tanzânia: Relief for Farmers as Mega Urambo Tobacco Factory in Pipeline. https://allafrica.com/stories/201811120109.html. Publicado a 10 de novembro de 2018. Acedido a 11 de abril de 2019.

[14] Zambia Daily Mail. State in Process of Reviewing Tobacco Act. http://www.daily-mail.co.zm/state-in-process-of-reviewing-tobacco-act/. Publicado a 6 de março de 2018. Acedido a 11 de abril de 2019.

[15] Porto de Antuérpia. Customs Solutions – We Keep Moving You Smoother. https://www.portofantwerp.com/en/customs-solutions-we%E2%80%99ll-keep-moving-you-smoother#freeport. Acedido a 11 de abril de 2019.

[16] Abedian I, van der Merwe R, Wilkins N, Jha P. The Economics of Tobacco Control: Towards an Optimal Policy Mix. Cidade do Cabo, África do Sul: Centro de Investigação Fiscal da Universidade da Cidade do Cabo, 1998.

[17] Porto de Antuérpia. Antwerp, Your European Customs Highway. https://www.portofantwerp.com/sites/portofantwerp/files/POA-1312_Brochure%20Douane_LR_0.pdf. Acedido a 11 de abril de 2019.

[18] Crime&tech and Università Cattolica del Sacro Cuore. Bulk Tobacco Study 2015: Assessing the Illicit Trade and Consumption of Cut Tobacco in 15 Markets in Europe. https://www.crimetech.it/media/BulkTobaccoStudy2015.pdf. Publicado em dezembro de 2016. Acedido a 11 de abril de 2019.

[19] Irish News. New Smuggling Racket Smashed After Massive Tobacco Seizure. https://www.independent.ie/irish-news/new-smuggling-racket-smashed-after-massive-tobacco-seizure-26581323.html. Publicado a 12 de novembro de 2009. Acedido a 11 de abril de 2019.

[20] Transcrime. European Outlook on the Illicit Trade in Tobacco Products. http://www.transcrime.it/wp-content/uploads/2015/01/European-Outlook-on-the-ITTP.pdf. Acedido a 11 de abril de 2019.

[21] Euractiv. OLAF: Illicit Cut Tobacco Is a Significant and Growing Market. https://www.euractiv.com/section/economy-jobs/news/olaf-illicit-cut-tobacco-is-a-significant-and-growing-market/. Publicado a 24 de abril de 2018. Acedido a 11 de abril de 2019.

[22] The Confederation of European Community Cigarette Manufacturers (CECCM). Contraband Surges in Europe. https://www.ceccm.eu/wp-content/uploads/2018/02/2018-2-TOBJOURN-European-smuggling-ilovepdf-compressed.pdf. Acedido a 11 de abril de 2019.

[23] Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento. Competition Issues in the Tobacco Industry of Malawi. https://unctad.org/en/PublicationsLibrary/ditcclp2011d5_en.pdf. Publicado em 2011. Acedido a 11 de abril de 2019.

[24] Institute of Developing Economies Japan External Trade Organization. Alliance One Tobacco (Malawi) Ltd. https://www.ide.go.jp/English/Data/Africa_file/Company/malawi02.html. Acedido a 11 de abril de 2019.

[25] Jaffee S. Malawi's Tobacco Sector: Standing on One Strong Leg Is Better Than on None. Africa Region Working Paper Series; No. 55. Washington, DC: Banco Mundial. http://documents.worldbank.org/curated/en/505031468757241265/Malawis-tobacco-sector-standing-on-one-strong-leg-is-better-than-on-none. Acedido a 11 de abril de 2019.

[26] Otañez MG, Mamudu H, Glantz SA. Global leaf companies control the tobacco market in Malawi. Tob Control. 2007;16(4):261-269. doi: 10.1136/tc.2006.019273.

[27] Nyasa Times. Malawi: JTI Blames Malawi Tobacco Growers for Breach of Contract. https://allafrica.com/stories/201808150474.html. Publicado a 14 de agosto de 2018. Acedido a 11 de abril de 2019.

[28] Prowse M. Becoming a bwana and burley tobacco in the central region of Malawi. Journal of Modern African Studies. 2009;47(4):575-602. doi: 10.1017/S0022278X09990139.

[29] iisd - International Institute for Sustainable Development. Tobacco Revenue Management: Malawi Case Study. https://www.iisd.org/pdf/2007/trade_price_case_tobacco.pdf. Publicado em junho de 2007. Acedido a 11 de abril de 2019.

[30] Oxford Economics. Asia Illicit Tobacco Indicator 2017: Australia. https://illicittobacco.oxfordeconomics.com/media/OXFO5877_Australia_2018_Report.pdf. Publicado em setembro de 2018. Acedido a 11 de abril de 2019.

[31] Ajmal A, U VI. Tobacco tax and the illicit trade in tobacco products in New Zealand. Aust N Z J Public Health. 2015;39(2):116-120. doi: 10.1111/1753-6405.12389.